

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANÇEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 números	26000	Trimestre ou 6 números 8100
Semestre ou 12 números	13000	N.º avulso ou pago a entrega. 4130
ESTRANÇEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 números	34000	Semestre ou 12 números 17000

3.º ANNO—VOLUME III—N.º 51

1 DE FEVEREIRO 1880

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
LISBOA—43, RUA DO LOURETO, 43—LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

BELLAS-ARTES



A SAUDADE — Esculptura do sr. Simões d'Almeida, pertencente a Sua Magestade o Imperador do Brazil (Desenho do mesmo auctor)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Os captivos, ANTONIO DO QUENTAL — Vicente Pinheiro Lobo Machado, G. D'A. — Conde da Costa, H. DE MACHADO — As nossas gravuras — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BRITO REBELLO — A Intocosa, ALBERTO BRAGA — Actualidades Scientificas, Commutador automatico do sr. Rodrigues Ribeiro, A. A. DE PINA VITAL.

GRAVURAS. — Bellas Artes, A Saudade, escultura do sr. Simões d'Almeida, pertencente a Sua Magestade o Imperador do Brazil — Vicente Pinheiro Lobo Machado, novo governador de S. Thomé e Principe — Costumes portuguezes, carro para transporte de passageiros na ilha da Madeira — Portugal pittoresco, Ponte dos Amores na Quinta das Lagrimas em Coimbra — A esquadra inglesa surta no Tejo — Commutador automatico do sr. Rodrigues Ribeiro — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nos quinze dias que medeiam da ultima chronica até hoje, depois do assalto das roletas, esse Malakoff da vermelhinha, até ao momento actual, os dias têm corrido com uma serenidade olympica digna realmente de todos nós que pisámos a terra e dos seraphins que adejam do céu.

O vicio, sob o aspecto de baralho de cartas ou d'outro objecto peccaminoso, não tornou mais a attentar contra a innocencia da esquadra inglesa. A *Minotaur* e a *Achilles*, ambas de seis mil toneladas com cerca de mil ex-libertinos de guarnição, dormem lá perto de tres semanas no Tejo, debaixo da aza seraphica do sr. commissario da policia — nomeado anjo da guarda dos couraçados que fundeiem no Tejo — sem que Satanaz, com estabelecimento de jogo de azar no Bairro Alto, tenha ido perturbar o somno virginal dos marinheiros de sua magestade britanica.

Aqui está um d'aquelles casos em que — justo que um funcionario policial, para se revestir de mais caracter e justificar melhor a sua qualidade de archanjo em commissão, recebesse uma ajuda de custo para comprar duas azas, declarando pelos jornaes que principiava a chamar-se Gabriel.

Como quer que seja, Lisboa, em entretenimentos honestos, disputa n'este momento primazias com o paraizo. Os dons da natureza chovem em torrentes sobre a população. Um lindissimo sol, um magnifico luar, o crepusculo com toda a suavidade inspiradora a que os pianos do terceiro quartel d'este seculo deveram tres gerações de cordas novas, o céu cor d'anil, o Tejo cor d'anil, as madrugadas cor de rosa, e até o proprio firmamento parlamentar sem nuvens negras que ameacem borrasca immediata!

N'este momento a esquadra inglesa, deixando-nos, pratica uma ingratição mais negra do que as couraças que a revestem, e nós realmente não sabemos o que fazer de tantos encantos que reservavamos para o estrangeiro o que estamos agora obrigados a consumir em nosso proprio uso, á maneira de um dono de casa que tendo encommendado a um Ferrari celestial, *service* para uma *soirée* que os convidados abandonaram logo depois da primeira contradança, tem elle proprio de comer todos esses dons cobertos de grangeia divina, a fim de não lhe crearem bolor em casa.

Nem ao menos lhe é dado fazer um ajuste com o creador a fim d'elle aceitar, em desconto de peccados, o que não se consumir na festa!

—No Tejo esteve fundeada a corveta brasileira *Vital d'Oliveira*, que não quiz abandonar o rio sem dar a bordo uma *matinée* dançante. Vê-se que o Brazil ainda mantém as tradições poeticas do romantismo, e ainda se com-

praz em ver cavalheiros de sobrecasaca e calça preta marcando contradanças por entre as canhoneiras.

É realmente aprazível este consorcio do chapéo alto, — um instrumento de paz, com as bocas de fogo, — um agente de guerra, mas é certo que no mundo nautico tão aprazível e galante pratica se vae a pouco e pouco esquecendo.

Antigamente os navios inglezes faziam o mesmo no Tejo; hoje quando a gente vae a bordo d'elles a primeira coisa que praticam, quando querem ser amáveis, é abrir as entra-nhas de um torpedo — em vez de uma garrafa de Champagne, explicando de que forma a ro-lha saltando pelo impulso da dynamite, é capaz de fazer voar a *Northumberland*.

De resto parecem todos accommettidos da nostalgia da roleta, e o céu peninsular causalhe *spleen*! Vão uma ou outra vez ao theatro lyrico e aos bailes, mas vê-se bem que o seu maior desejo seria amanhã forcarem o Bosphoro e voarem pela acção dos torpedos, conjuntamente com o fumo expellido pelo cachimbo do sultão, dado o caso que o sultão a esse tempo se desse ainda ao luxo oriental de fumar cachimbo, e sobretudo de possuir torpedos.

—O theatro de S. Carlos tem passado nas ultimas noites um pouco mais alliviado da bronchite lyrica de que foi accommettido, se bem que a interpretação do *Fausto* não tenha ainda sido inteiramente erma de defluxo.

Sobretudo Mephistopheles d'esta vez não provocou enthusiasmo, ou por outra, cantou *discretamente* como costumam dizer os localistas quando querem ser desagradáveis ás empresas.

Quando querem provar que lhes tem odio, costumam apenas dizer, — cantou *regularmente*.

E S. Carlos lá vae procurando levar a assignatura... ao Calvariô, ajudado pela arte italiana, que de quando em quando lhe chega aos labios a esponja molhada em Verdi e Donizetti, e uma vez por outra em Gonoud, sem exemplo.

—O Gymnasio deu-nos uma pequenina e graciosa comedia d'Urbano de Castro, o *Camarim da actriz*, estudada á vista do modelo. Espirituoso *lever de rideau*, o que quer dizer, traduzido em sã linguagem portugueza — não muitos direitos d'auctor.

Quando se quer triumphar e ganhar dinheiro, não se é imprudente. Ter espirito equivale a não ter juizo.

—Fallemos do mais aprazível escandalo litteraria dos ultimos tempos, do *Portugal a vol d'oiseau*, pela princeza Rattazzi.

Declaro-me um pouco ambaraçado para tratar d'este livro. Não o posso descompor por que a auctora não diz bem de mim, não o posso elogiar porque a auctora não me tracta mal. Ora, não o podendo aggreir e não me sendo permitido elogiar-o, claro está que os periodos que eu tiver de escrever a respeito de tal obra tem de revestir-se do caracter de banalidade só hoje admittida nos discursos da corôa, ou nos livros de viajantes que desejam ser condecorados com o habito de S. Thiago.

Mas, sobretudo, ainda que eu tivesse as mais bem fundadas rasões patrioticas ou pessoas para descompor uma princeza qualquer que ella fosse, verdadeira ou simulada, eu não o podia dignamente fazer desde que, em primeiro lugar, não se demonstrasse que essa princeza era, pelo menos — um homem.

Posta a questão n'estes termos resta-me ainda fazer a declaração necessaria de que não tendo eu jámais, nem por pensamentos, nem por garfos, nem por palavras, nem por copos, devorado a mais imponderavel galinhola, nem tomado a mais leve suspeita de vinho do Rhe-no nos jantares ou nas ceias de madame Rattazzi, acho-me por esta circumstancia ermo do fel preciso para tratar do livro com a devida acrimonia.

Por outro lado não pertenco á commissão

primeiro de dezembro para me achar constituido na obrigação de extremar o volume como inimigo declarado da patria.

Le Portugal a vol d'oiseau como livro cheio de observações pittorescas, e de considerações futeis, de paginas bizarras e de logares comuns banaes, de notas alegres e de dissonancias tristes, é, no meu entender, o livro mais curioso que nos ultimos tempos um estrangeiro tem escripto a respeito de Portugal.

Não conheço outro mais falso, mas tambem não conheço outro mais verdadeiro.

Verdadeiro na impressão geral, falso simplesmente nos detalhes.

A pintura dos homens é mais de uma vez mentirosa, o aspecto da paisagem é quasi sempre d'uma verdade flagrante.

Parece-me que o melhor partido a tomar em face d'este volume divertido era a gente adoptar o expediente de ter espirito e dizer a verdade, unicamente a verdade, aos jornaes estrangeiros que principiam a transcrever capitulos do livro da sr.^a Rattazzi.

Caros srs.: Nós tão pouco nos importamos com o que a princeza diz dos nossos titulares, dos nossos percevejos, dos nossos costumes, dos nossos homens de letras, dos nossos monumentos e das nossas caras — metades, que o *Portugal a vol d'oiseau* foi collaborado por nós todos!

O sr. X. escreveu a biographia do sr. Z. e o sr. Z. contou os escandalos e mais merecimentos que concorrem na pessoa do sr. X. O juizo a respeito da nobreza nova é copiado das memorias ineditas da nobreza velha, e a nobreza nova, por não saber em grande parte escrever, contou de viva voz um ou outro defeito da nobreza antiga.

De resto, tachigraphando as conversações que se ouvem ao cair da tarde, das visinhas do segundo andar para as do terceiro, é facil fazer outro volume tão curioso como este.

E a Europa batendo-nos patuicamente no hombro diria, — que maganões!

Ora no ultimo quartel do seculo XIX, quando em vespuras d'uma conflagração geral, a Europa não quer saber senão do que pensam e do que dizem as grandes potencias, a França por exemplo, chamar-nos maganões, a nós, povo pequeno e obscuro, já não era de todo mau!

Mas, sobretudo, ainda nos podiamos assignalar como descendentes condignos de tantos heroes aureolados pelas teias d'aranha das velhas chronicas, se, dada uma circumstancia, qualquer de nós, tirado á sorte, fosse á porta do editor parisiense que publicou o *Portugal a vol d'oiseau*, desafiar com uma bengala o auctor d'aquelle acervo de chocarrices.

Essa circumstancia era o livro ter sido escripto pelo sr. Paulo de Cassagnac ou pelo sr. George Perin, um que não erra uma estocada, outro que não erra um tiro.

Agora, tratando-se d'um livro d'uma mulher, meus senhores, eu que mais ou menos desejo ser descendente de qualquer dos doze d'Inglaterra, ao sentir-me ferido por um beliscão, acho muito pouco epico descalçar um chinello e repetir uma scena do *Assomoir* de Zola.

Sobretudo não pertencendo á escola realista.

GUILHERME D'AZEVEDO.

OS CAPTIVOS

Encostados ás grades da prisão,
Olham o céu os pallidos captivos.
Já com raios obliquos, fugitivos,
Despede o sol um ultimo clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa.
Cae do espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das coisas, lentamente.

E os captivos suspiram. Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absortos em intimos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os captivos: Na amplitude
Jámais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o vôo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?
A luz? a aurora? a immensidade? sonde?...
— Porém o bando passa e mal responde:
A noite, a escuridão, ao abysmo, ao nada! —

E os captivos suspiram. Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo e inquieto,
Como quem traz algum pesar secreto,
Como quem soffeo e cala algum tormento...

E dizem os captivos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Te levam a gemer pelas deveras?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te acena da solidão onde se esconde?
— Porém o vento passa e só responde:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

E os captivos suspiram novamente,
Como antigos pesares mal extinctos,
Como vagos desejos indistinctos,
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se, em silencio indescifrável,
Contemplam-se de longe, mysteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolável...

E dizem os captivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos atraem?
Que luz fitaes no centro d'onde saem
A flux, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperaes? N'essa amplitude sagrada
Que soluções esplendidas se escondem?
— Porém os astros tristes só respondem:
A noite a escuridão, o abysmo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumorosos
Susurram os pinhaes meditativos,
Encostados ás grades, os captivos
Olham o céu e choram silenciosos.

ANTHERO DE QUEENTAL.

VICENTE PINHEIRO LOBO MACHADO

Ha gente que nasce especialista em biographias. Dado um nascimento e, portanto, a suposição da existencia d'um homem ou d'uma senhora, os cultores do genero escrevem logo facilmente um volume sobre a vida e obras do seu heroe.

Eu, escrevendo hoje a biographia de Vicente Pinheiro, ou por outra, de Vicente Pindella, como elle é conhecido entre a pleiade intelligente dos rapazes que nos ultimos annos toem saído das escolas em Portugal, não me preocupo muito do anno, mez e dia em que elle nasceu, nem de quaes eram as suas inclinações ou as suas tendencias em menino.

Sei simplesmente que é um rapaz de 26 annos, perfil correcto como o representa a nossa gravura, bacharel formado em direito, e sobretudo dotado d'uma qualidade de que as artes graphicas ainda não foram capazes de dar a impressão exacta — o caracter.

E, além do caracter, dotado d'um bello talento. Vicente Pindella safu notado como um dos estudantes mais intelligentes do seu tempo na Universidade, e ainda no anno findo deu a prova mais cabal da sua energia moral e da sua força de vontade.

Estudava Augusto Conte e os seguidores da escola positivista, quando de repente se abre em Lisboa concurso para o logar de contador geral da junta do credito publico. Fechou os livros de philosophia, abriu os volumes do *Diario do Governo* e foi a esse concurso, dando

uma prova brilhantissima! Não foi provido, não tanto por ser seguidor de Conte, como talvez por ser um pouco novo, e as praticas burocraticas terem de respeitar os direitos adquiridos por outros concorrentes que nunca tinham lido Conte nem Littré, mas que em todo o caso haviam meditado largos annos sobre os relatorios dos ministros da fazenda; entretanto esta prova deu logar a que os poderes publicos tomassem na conta devida a sua aptidão encarregando-o algum tempo depois do governo de S. Thomé.

Varios jornaes opposicionistas fizeram reparo na nomeação porque, na verdade, ser nomeado governador de S. Thomé sem ao menos ser tenente-coronel com alguma gota, ou pelo menos major com 20 annos de rheumatismo, era um caso inaudito que ia lançar n'uma conflagração geral as possessões ultramarinas!

Ainda se o nomeassem ministro da marinha, vá, se bem que só por excepção se nomeia em Portugal um ministro de marinha sem que se demonstre haver elle affirmado em relatorios em verso que o Tejo é de cristal, e que em momentos de crise possa ser capaz de recitar as desditas da patria ao piano. N'este ponto talvez o pobre moço fraquejasse!

Ora o governo nomeando Vicente Pindella, rapaz intelligente, brioso, energico, de caracter viril e de espirito lucido, governador de S. Thomé, praticava na verdade um attentado contra a autonomia da patria só comparavel áquelle que a Inglaterra praticou ha annos nomeando lord Lyton, um litterato secretario de legação, para o cargo de vice-rei das suas vastissimas Indias, e a França mandando ha pouco Alberto Grevy, um modesto advogado, governar a Argelia.

Mas, como administradoras de possessões, o que são a França ou a Inglaterra ao pé de nós?

Seja como fór, Vicente Pindella está n'este momento á frente do governo de S. Thomé. A tarefa de que o encarregaram não é facil no estado de desordem em que se encontra a administração das nossas possessões ultramarinas, agitadas pelas intrigas locais e pela inveja dos estranhos. Entretanto as nossas colonias não precisam tanto da força das armas como da força da intelligencia, para se regenerarem; necessitam antes de tudo que os governos em vez de lhes remetterem regularmente majores acompanhados de muitos soldados, lhes enviem governadores acompanhados de muitas idéas.

G. D'A.

CONDE DA COSTA

(Conclusão)

Terminada a lucta foi collocado na disponibilidade, e, n'esta triste e improficua situação (a que o governo d'aquella epocha entendeu dever condemnar, com grave prejuizo não só dos interessados como da causa publica, ainda d'entre os mais distinctos e prestimosos officiaes do exercito portuguez, todos quantos não souberam transigir com o proprio decore, abjurando os principios politicos que professavam) se conservou até ao movimento de 1851. N'esse anno foi promovido a capitão e collocado em lanceiros 2.

De 1851 a 1864 a sua vida publica transforma-se, se não nos principios que soube manter inquebrantaveis ou nos actos que tiveram sempre por norma e resultado a utilidade do seu paiz, ao menos nos meios e na forma.

De 1851 a 1864 José Guedes de Carvalho e Menezes figura ainda com distincção na marcha dos negocios publicos, não já como militar valente e dedicado, mas como deputado ás cortes duas vezes eleito pelo circulo de Amarante. Esta nova phase da vida publica do nosso biographado, sem se assignalar por alguma circumstancia de que n'esta curta noticia possamos fazer especial menção, é todavia caracterizada por uma firmeza de convicções, por uma fidelidade politica e partidaria, menos que vulgares nos nossos dias.

Convidado em 1864 a aceitar o governo geral da provincia de Cabo Verde, assolada então pelo tímvel fla-

gello da fome, e, com os naturais effeitos d'esta, por aterroradoras perturbações na ordem social e administrativa, José Guedes não duvidou aceitar tão espinhoso cargo.

De como d'elle soube desempenhar-se, atenuando de prompto com bem pensadas providencias os horrores do flagello que fazia então milhares de victimas, fazendo entrar na ordem e na lei os povos e os funcionarios como que dementados pelos horrores da commun miséria resam profusamente os documentos officiaes do tempo. Mal o novo governador conseguira restabelecer a ordem social e administrativa no archipelago, e quando as previdentes e energicas medidas por elle tomadas ainda não tinham logrado debellar completamente o tremendo espectro da fome, rebentou a guerra na Guiné, territorio então dependente do governo geral da provincia de Cabo Verde. Urgia que o governador sobre administrador habil e illustrado, fosse tambem militar intelligente e corajoso. Soube José Guedes mostrar que o era reprimindo em curto espaço com providencias acertadas, e muy principalmente com a auctoridade da sua presença á frente de um punhado de soldados europeus no territorio rebelado, a desordem que alli lavrava. Vem a pelo dizer aqui que era elle o primeiro governador geral que visitava aquelles povos!

A fome no archipelago, a guerra na Guiné serviu-se a peste em parte das ilhas de Cabo Verde.

O procedimento de José Guedes em tão angustiosa conjunctura foi mais que admiravel, heroico, o que aliás era de esperar dos elevados dotes moraes do nobre caracter que vamos descrevendo.

Os postos de honra por elle escolhidos em tão perigoso e apertado transe, aquelles onde, exceptuadas as occasiões em que prostrado pelo cansaço e pela febre, (chegaram os medicos a declarar-lhe a vida em grave perigo) lhe faltavam as forças e era forçado a recolher ao leito do soffrimento, a todo o momento era visto, prodigalizando aos miseros enfermos conforto, apontando a todos com o nobre exemplo o caminho do dever, eram o hospital, a cabeceira dos doentes.

Da sua magra bolsa de *funcionario portuguez* se valeram sempre com proveito os desgraçados em quanto n'ella restavam alguns poucos ceitils, bem menos que os necessarios para a sustentação apenas decente da pessoa do governador e do decore do cargo. A occasião, dizem-o as chronicas do tempo e do logar, foi fertil em exemplos de abnegação, em sacrificios. Ninguém todavia soube dal-os tão notaveis, fazel os tão custosos e proficuos como o chefe da provincia, José Guedes de Carvalho e Menezes.

Do que deixamos dito resultam bem claros os traços, mais salientes da notavel administração de José Guedes como governador geral da provincia de Cabo Verde. Não cabe nos estreitos limites de uma curta noticia biographica, transcrever dos documentos officiaes quanto e com que proveitosos resultados elle se esforçou, durante todo o tempo d'ella, por introduzir em todos os ramos do serviço publico numerosas e importantes reformas e melhoramentos.

Por este tempo recebeu José Guedes do governo da nação visinha uma alta distincção, a commenda de Izabel a Catholica. Não era esta, como muitas da mesma especie, uma distincção futil, e sem outra base além da elevada posição do agraciado e os esforços de amigos altamente collocados, mas a merecida recompensa de um acto de custosa caridade praticado pelo governador de Cabo Verde a expensas proprias em favor da tripulação de um navio hespanhol naufragado pouco antes nas costas do archipelago.

Em fins de 1868, e estando quasi a terminar o prazo normal do seu governo as camaras municipaes e os povos da provincia representaram ao governo da metropole para que fosse conservado á testa da administração d'aquella o governador a quem, mesmo em documentos com caracter official, chamavam seu *pae*.

Apesar d'isto, em 1869 era substituido no governo e saiu da provincia galardoado apenas com a consciencia do dever cumprido, exclusivamente recompensado com a affeição sincera e profunda sandade dos povos que governara.

Nesse mesmo anno e pouco depois que regressou ao reino, tomou com os successivos postos de tenente coronel e coronel o commando do regimento de cavallaria 4 que logrou manter sempre luzido e disciplinado. N'esta, como em outras commissões de verdadeira confiança e séria responsabilidade especiaes da sua profissão e posto, se manteve até 1874.

Em 1874, convidado a aceitar o governo vago da provincia de Moçambique, entendeu dever recusar-se.

Eloquentemente instado por um ministro, que soube demonstrar-lhe que a propria dureza do encargo que pretendiam commetter-lhe, a situação de ha muito anormal e anarchica de parte da provincia (da Zambézia), a dili-

cuidado e urgência excepcional dos problemas militares e administrativos cuja solução se impunha ao novo governador, tornavam menos decorosa e patriótica a recusa para um militar brioso e valente, accitou afinal José Guedes o governo geral da provincia de Moçambique.

Dentro em poucos mezes logrou demonstrar que tão ardua tarefa não era de excessivo peso para os seus fortes hombros.

Poucos mezes depois da sua chegada a Moçambique conseguia o novo governador que o chefe Bonga viesse pedir-lhe paz honrosa para o governo portuguez, paz esta mais que proveitosa, absolutamente necessaria á vida commercial da provincia.

Assim terminou, sem novos sacrificios, sem effusão do precioso sangue portuguez, a guerra que por tantos annos, e com tanto dispendio de vidas e fazenda particular e publica, assolára alguns dos districtos mais cultos da provincia de Moçambique, mantendo-os em estado de permanente, perigosissima e anarchica revolta. Escrevemos em presença de documentos que nos demonstram que foi, mais que importante, quasi total, a parte da gloria que cabe á habilidade, ao fino tacto de José Guedes em tão importante successo.

Da attenção que lhe mereceu a repressão do nefando trafico da escravatura, que havia annos se fazia com quasi segura impunidade na provincia, são provas manifestas, varios documentos emanados de fonte, em tal caso, de todo o ponto insuspeita, as auctoridades consulares e diplomaticas inglezas.

Terminando assim, com gloria propria e publico proveito o seu governo, regressou José Guedes ao reino em 1877.

O governador geral, o general (que o era desde que foi para Moçambique) que pacificára a Zambesia, que honrara o nome do governo portuguez perante a Europa reprimindo o trafico dos negros não merecia desde então



VICENTE PINHEIRO LOBO MACHADO — novo governador de S. Thomé e Príncipe
(Segundo uma photographia do sr. Fillon)

até á data da sua morte ao governo de Portugal ser collocado em qualquer das commissões relativamente fructuosas e descansadas que cabiam ao seu posto, e competiam ao seu provado merecimento e serviços. É que, encargos d'aquelles que ninguem pede, e que só por decoro e honra do nome e profissão poucos accitam, nenhum appareceu com que lhe encurtassem a vida já exemplo de trabalho e sacrificio, e a hombridade de caracter de José Guedes vedava-lhe o exercicio do fructifero mister de pretendente importuno e li-soageiro.

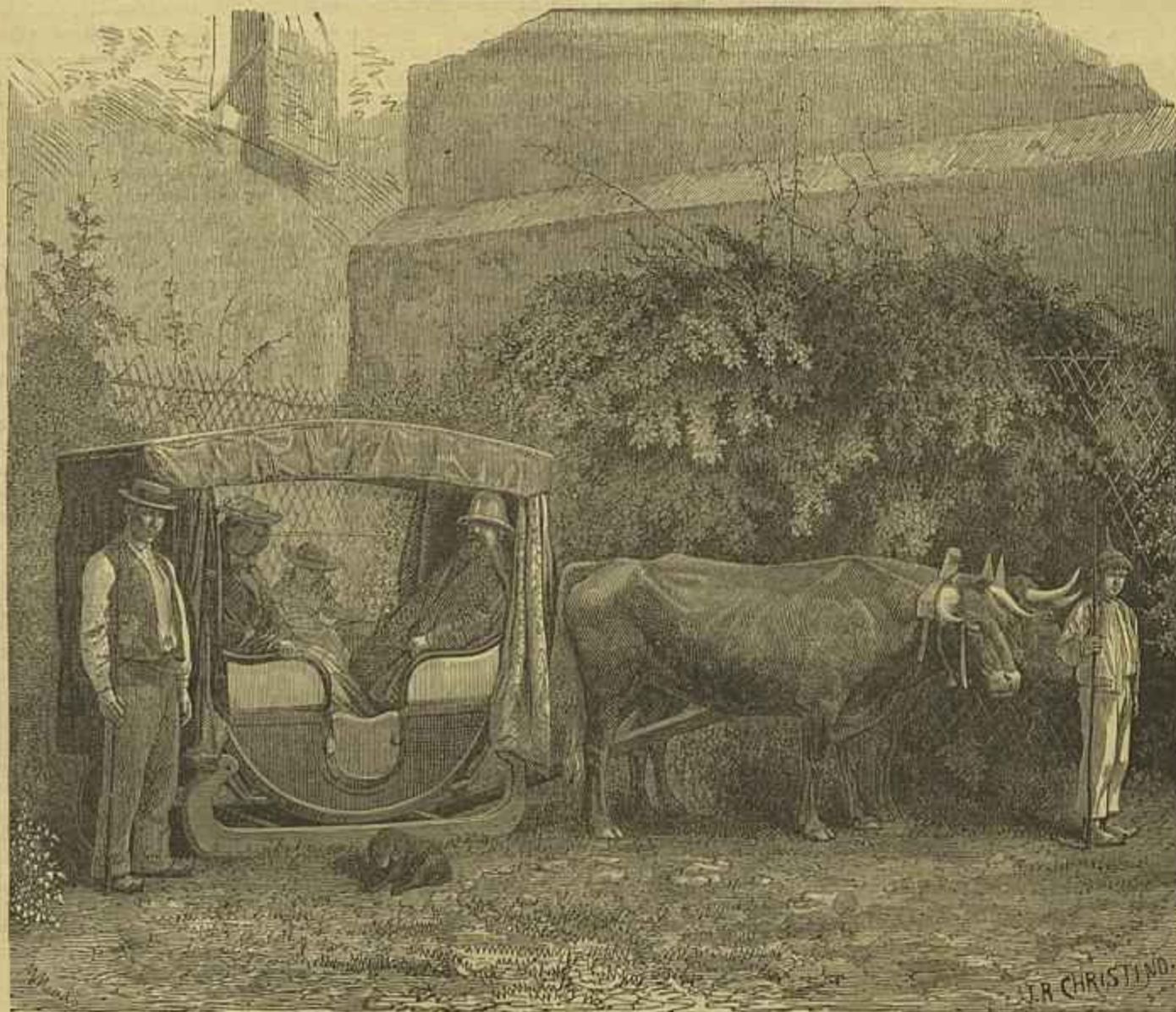
Os principes são porém ás vezes menos esquecidos e mais gratos de que os seus ministros, mais promptos em recompensar aquelles que longe da turba cortezã trabalham esforçados, desinteressados e firmes pela causa do throno e da patria. E foi assim que a *regia misericordia* se dignou espontaneamente agradecer com a grandeza do reino e o titulo de Conde da Costa os relevantes serviços do valente general e distincto homem publico cuja biographia deixamos delineada á largos traços.

Em tudo quanto conhecemos da vida do Conde da Costa resulta um unico acontecimento, que é por assim dizer a nota alegre d'aquelles 55 annos de existencia votada aos cuidados e amarguras dos negocios publicos: o seu casamento com sua prima a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Emilia da Silveira Pinto, filha do Visconde da Varzea e da Viscondessa de Guia, realisado em 4 de fevereiro de 1875, pouco depois do seu regresso de Moçambique, e pouco antes da sua elevação á grandezza e ao condado da Costa.

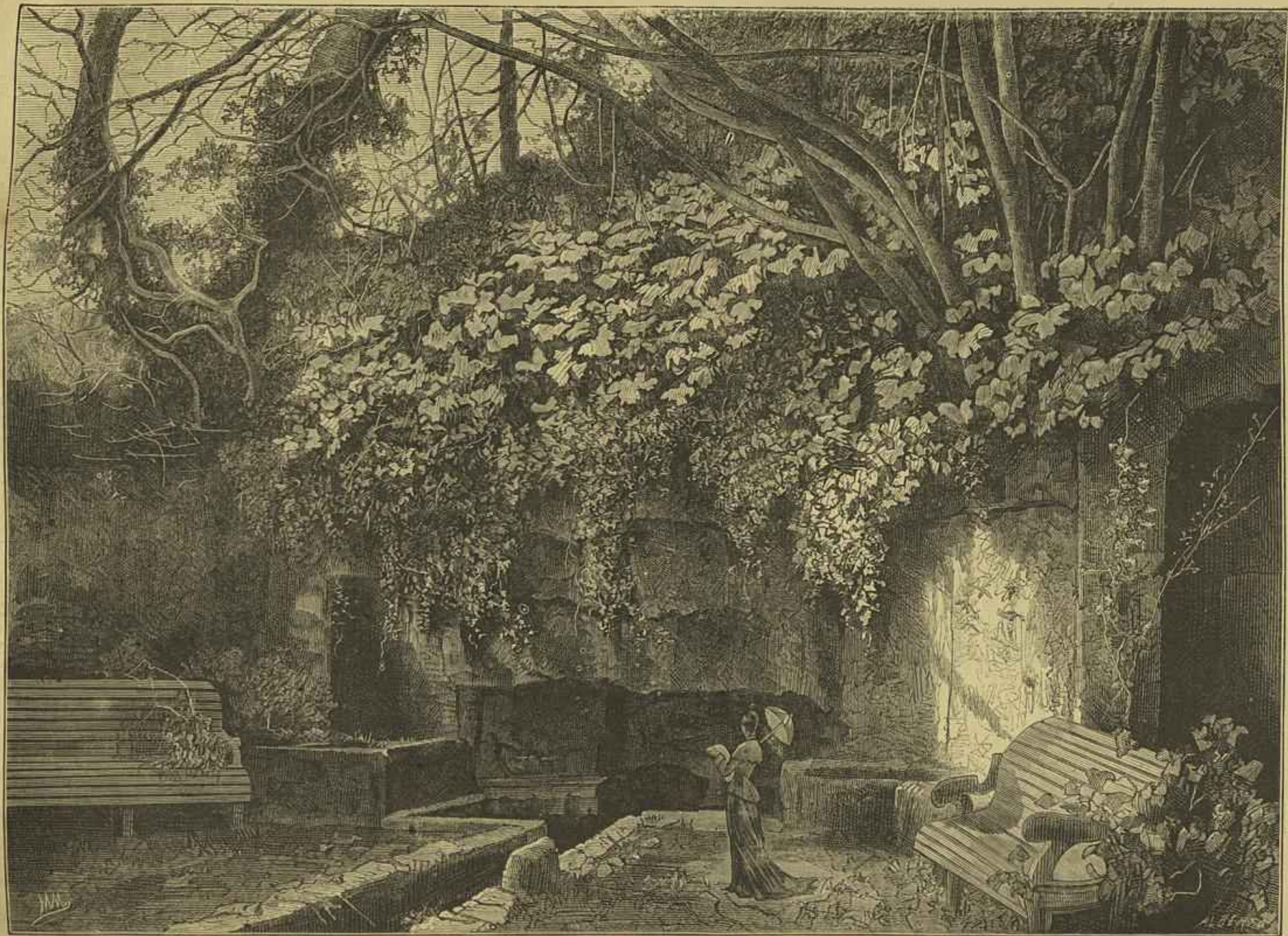
Ao carinhoso e entusiastico affecto de sua joven esposa devou o valente general o passar o ultimo quartel da vida, a quadra infelizmente tão curta de repouso, entre as doces alegrias e sinceras affeições da familia.

H. DE MACHADO.

COSTUMES PORTUGUEZES



CARRO PARA TRANSPORTE DE PASSAGEIROS NA ILHA DA MADEIRA (Segundo uma photographia do sr. Camacho)



PORTUGAL PITTORESCO — A FONTE DOS AMORES NA QUINTA DAS LAGRIMAS EM COIMBRA (segundo uma photographia do sr. Carlos Belvas)

AS NOSSAS GRAVURAS

A SAUDADE

Escultura de Simões d'Almeida

A arte moderna nacional assignala-se já por obras de valor incontestável, que affirmam de certo modo um renascimento do espirito ha muito adormecido no nosso país. Simões d'Almeida, entre outros, distingue-se na nova poleiada que tem enriquecido a nossa arte contemporanea, e a estatua da *Saudade* que hoje damos representada em gravura, é uma affirmação cabal do seu notavel poder de esculptor.

A estatua da *Saudade* distingue-se sobretudo por uma grande simplicidade d'estylo, aliada a uma grande correção e suavidade de formas e um inteiro sentimento do natural, além de todos os outros predicados necessarios para constituirem uma verdadeira obra d'arte de tal natureza.

Esta estatua que pertence a Sua Magestade o Imperador do Brazil foi encomendada pelo soberano por occasião da sua ultima permanencia em Lisboa.

COSTUMES PORTUGUEZES

Carro para transporte de passageiros na ilha da Madeira

As condições especiaes do solo na cidade do Funchal, extremamente accidentado, e o systema d'empedramento das ruas, feito pela maior parte com os escorregadios seixos da praia, levaram os habitantes a adoptarem, como meio de locomoção, uns carros semelhantes aos trenós, conforme se vê, na nossa gravura.

Estes carros puchados por uma junta de bois são ordinariamente construidos de verga e madeira, chapoados de ferro, de modo a tornal-os solidos e resistentes na parte inferior. Tem certas condições de leveza que permite que os animaes os arrastem facilmente com a velocidade regular d'outro qualquer vehiculo. Comportam quatro passageiros, e constituem, pela maior parte, os meios de transporte na ilha aonde raras vezes se vê qualquer carro de rodas puxado por cavallo. Em summa, estes carros em compensação de serem um tanto primitivos, e talvez mesmo um pouco incommodos, não deixam de ter certo pittoresco que os absolve de todos os solavancos.

A FONTE DOS AMORES

Dêmos no antecedente numero uma gravura representando o palacio da Quinta das Lagrimas, destruido ultimamente, em parte, por um incendio; damos hoje a Fonte dos Amores, na poetica estancia junta ao mesmo palacio, tão celebrada pelas suas tradições poeticas, tão conhecida de todos os que tem passado por Coimbra e divagado pelas margens saudosas do Mondego.

Prto da fonte divisam-se umas pedras de côr avermelhada que a tradição—inculca como manchadas do sangue d'Ignez de Castro, e logo ao pé acha-se erguida uma lapide aonde estão gravados aquelles conhecidos versos do grande epico

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas eternas transformaram.

Diz a tradição ainda mais o seguinte:

As aguas da *Fonte dos Amores* iam encanadas para a residencia d'Ignez e á corrente d'ellas confiava D. Pedro um barquinho de cortiça portador das missivas amorosas.

Pôde isto não ser verdadeiro, mas em todo o caso é poetico, segundo o modo por que no passado se entendia a poesia.

O desenho da nossa gravura é feito á vista d'uma bella photographia do distincto amator o sr. Carlos Relvas.

ESQUADRA INGLEZA

Representa hoje uma das nossas gravuras a esquadra inglesa fundada no Tejo e composta das fragatas couraçadas *Minotaur*, *Northumberland*, *Agincourt* e *Achilles*.

Estes navios são antigos, e já por vezes tem visitado o nosso porto.

Os tres primeiros foram construidos em 1863 em estaleiros particulares, o ultimo, o *Achilles*, foi construido em 1864, no arsenal real de Chatam.

São todos construidos de ferro, e completamente couraçados, tendo a couraça 5,5 polegadas de espessura, assente sobre um macisso de teca de 9 polegadas no *Minotaur*, *Northumberland* e *Agincourt*, e de 18 polegadas no *Achilles*.

O *Minotaur*, *Northumberland* e *Agincourt*, tem 100 pés de comprimento, 59,3 de largura e 26,3 de calado medio d'agua. O deslocamento é de 10:395 toneladas. A força nominal da machina 1:350 cavallos. A velocidade 14 milhas por hora. Tem só um helice.

O armamento primitivo d'estes navios consistia em 4 peças estriadas de 9 polegadas e 22 peças de 7 polegadas, em bateria á amurada.

Ainda não ha muito tempo foram-lhes feitos importantes melhoramentos e alterações, e esta artilheria foi então substituida por 17 peças de 12 toneladas. Tem além d'isto uma bateria de pequenas peças para salvas.

A *Achilles* é navio de menores dimensões, mas não de menor eficiencia para o combate. Tem 380 pés de comprimento, 58,3 de largura e 25,6 de calado medio d'agua. O seu deslocamento mede 9:681 toneladas. A força nominal da machina é de 1:250 cavallos. A velocidade 14 milhas por hora. Tem tambem um unico helice.

O seu armamento foi primitivamente, e é agora, como o dos demais navios de que acabamos de fallar, tendo por consequente passado por igual mudança. O navio tambem soffreu grandes modificações afim de ser posto, tanto quanto possivel, ao par das modernas exigencias da guerra naval.

Como se vê, estes navios, que contam cerca de quinze annos de idade, estão actualmente longe de satisfazer ás condições dos modernos navios de combate, não só pela diminuta espessura da sua couraça como pelo poder, relativamente pequeno, da sua artilheria; satisfazem porém a outras condições muito importantes de combate, como por exemplo, o lançamento de torpedos, e tem a reputação de ser, no seu genero, bons navios para o mar. O seu custo primitivo foi de 8:600 contos de réis.

Esta esquadra é do canal e é commandada pelo contra-almirante A. Hood, tendo sob suas ordens e commandando uma das divisões o contra-almirante Waddilove. A sua guarnição monta a 3:315 praças.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 46)

Passára-se quasi um seculo: A D. Fernando succedera o longo reinado de D. João I, a este o de seu filho D. Duarte, a quem se seguiu D. Affonso v seu filho. Começara este o seu reinado, debaixo da influencia de espiritos invejosos que o fizeram perseguir, e reduzir á extremidade seu tio, tutor e sogro, o illustre infante D. Pedro, um dos principes e dos homens mais notaveis que Portugal tem produzido. Proseguindo o seu cavalheiresco mas inconsiderado caminho discorreu pelas plagas africanas, d'onde, ainda assim, colhera a Portugal tres assignalados florões: — Alcacer Ceguer, Arzilla e Tanger.

Em 1435 viu reataram-se os laços que uniam as familias reaes de Portugal e Castella, pelo casamento de sua irmã D. Joanna com o rei Henrique iv. Era a infanta joven, de mui notavel formosura e de maneiras faceis e quereçosas. Em Lisboa fizeram-se grandes festas por este successo. Uma numerosa comitiva de damas e cavalleiros acompanharam a infanta que se dirigiu por Elvas á Hespanha. De Castella veiu outra comitiva brilhante esperal-a, e na Landeira houve justas que duraram alguns dias, manifestando-se em toda a jornada as gallas e louçanias proprias da idade media.

N'esse anno de 1435 accumularam-se os successos que haviam de transtornar a ordem e progresso em que Portugal marchava. Morrera a rainha D. Izabel, e nascera o príncipe D. João.

Seguiram-se as emprezas da Berberia a que já nos referimos, d'onde proveio ao monarcha o sobrenome de *Africano*.

De volta de Africa, houvera uns certos projectos de enlaces, pelos quaes a monarchia das

Hespanhas devia consolidar-se ou sob o sceptro de D. Affonso v ou sob o de seu filho. Pretendeu-se que D. Affonso v casasse com a infanta hespanhola Izabel, filha do rei D. João II, e o príncipe portuguez D. João com sua prima D. Joanna, filha de sua tia a rainha D. Joanna mulher de Henrique iv de Castella, tudo isto porém ficou sem effeito.

O desastre do infante D. Fernando em Tanger, trouxe um grande desgosto a D. Affonso v, mas este para de algum modo desfazer no espirito d'aquelle seu irmão a magoa do malogro d'aquelle tentativa, resolveu de repente casar-lhe a filha D. Leonor com o príncipe.

Decorreram annos, e em 1474, quando D. Affonso v já contava 36 annos de reinado achou-se de subito envolvido nos negocios de Castella.

Nos fins d'esse anno fallecera Henrique iv, deixando apenas uma filha que do matrimonio acima referido fôra fructo. Em tempos anteriores houvera desintelligencias entre o fallecido monarcha e alguns grandes senhores castelhanos, que para mais aviltarem o rei, tacharam aquella infanta de adulterina, apodando-a com a alcunha de *Beltraneja*, allusiva ás pretendidas relações da rainha sua mãe, com o nobre cavalleiro D. Beltran de lá Cueva, um dos fidalgos mais gentis, cortezãos e gallardos da côrte de Castella.

O monarcha sugeitara-se então a baixezas incriveis, no leito da morte, porém, ao que se diz, Henrique regeitara semelhante calunnia, e declarára D. Joanna, sua unica herdeira.

Havia porém em Castella outra princeza, D. Izabel, filha do rei D. João II e de outra neta de D. João I de Portugal, a quem já alludimos. Fôra ella indigitada para esposa de D. Affonso v depois de viuvo. Este não aproveitou então o enejo favoravel; quando depois o rei de Castella renovou o projecto d'esse casamento ella recusou-o, e em breve, a despeito do monarcha, se desposou com Fernando, infante de Aragão, alimentando em seu seio a ambição e o projecto de se apoderar da corôa de Castella, não obstante ter já em tempo beijado a mão e reconhecido como sua futura soberana, a infanta D. Joanna.

Achou-se esta por morte de D. Henrique em uma posição duvidosa; proclamou-se rainha e Izabel fez outro tanto. Dividiu-se o reino em duas facções e Joanna recorreu ao tio. A D. Affonso v sorriu de novo a idéa da monarchia iberica. Acorreu á sobrinha, marchou para Castella, desposou-se com D. Joanna, e proclamou-se rei. Pediu dispensa ao papa do grão de parentesco, e depois de se ver seguido pela maior parte da nobreza de Castella, não dirigiu as operações da guerra com a presteza e habilidade necessarias, e não obstante a fraqueza que Fernando muitas vezes mostrou, a infatigavel presença de espirito de Izabel, que inspirava animo a todos, fel-o soffrer um revez, de que o salvou seu filho o príncipe D. João. Não referiremos os desastres e deserções soffridas por D. Affonso v, devidas á sua falta de tacto, e leveza para dirigir um negocio de tal ponderação, a sua ida a França a pedir auxilio ao velhaco e astucioso Luiz xi que o ludibriou, etc. Basta-nos saber que até o papa lhe enviou uma dispensa machiavelica, e com quanto a Historia o não diga, parece por algumas relações manuscritas, e outros documentos, que elle ou a suppozera obtida antes de partir para França, ou d'ella se aproveitou depois da sua volta.

Quando chegou ao reino tornou a recommear a guerra, mas já poucas praças lhe restavam em Castella, que em breve caíram em poder de Izabel por diversos meios, e depois de uma assolação de fronteiras, inutil, e perniciosas, encetaram-se os arranjos para uma paz.

D. Affonso v caíra do alto dos seus planos. O desalento apoderou-se de sua alma, e entregou a seu filho, coadjuvado por sua cunhada D. Beatriz o cuidado das negociações. Estas foram conduzidas com habilidade e energia, mas como era precisa uma victima, foi a pobre D. Joanna a escolhida. Não só se lhe prohibiu o intitular-se rainha, mas até mesmo infanta de Castella! Devia ficar em *terçaria* na villa

de Moura entregue á infanta D. Beatriz, assim como o infante D. Affonso, filho de D. João príncipe de Portugal, e D. Izabel, filha de Izabel e Fernando reis de Castella.

Estes dois deviam casar, celebrando-se as bodas dentro de um anno, e D. Joanna ficava promettida de D. João tambem filho d'aquelles monarchas; se porém este, quando chegasse aos 14 annos, não quizesse desposal-a, então ficaria ella livre, podendo deixar o seu forçado retiro com os seus archivos, e uma dotação importante.

Estabelecia-se outra alternativa, que era o poder entrar n'um convento da ordem de Santa Clara. Que outra resolução poderia tomar a pobre princeza, se é certo, como cremos, apezar do silencio dos historiadores, que a sua ligação com D. Affonso se havia consumado.

Eram responsaveis por estas *terçarias* a infanta D. Beatriz, por sua morte sua irmã D. Filippa, o duque de Viseu, e seu irmão D. Manuel, o primeiro dos quaes era dado em refens, devendo ser substituido ao fim de um anno pelo segundo. Muitas outras clausulas foram estabelecidas para segurança do tratado, concluido no dia 4 de setembro de 1479.

O concurso de tantos príncipes, embaixadores e grandes senhores n'aquella fronteira, a entrega dos infantes, a troca dos refens, tudo trouxe em agitação, em festas e em recepções aquella fronteira nos fins d'aquelle anno, pela bonança que trazia aos dois paizes, após cinco annos de soffrimentos, uma paz desejada por ambos.

A infeliz D. Joanna, appellidada desde então a *Excelente senhora*, entrou no convento das Claras de Santarem, onde professou ao fim de um anno: que resignação não mostrou em todo o decurso de sua vida! Em outra occasião fallaremos d'esta princeza.

D. Affonso v ralado de desgostos baixou em breve ao logar do descanso eterno. Que pensamentos o não affligiriam ao despedir-se do mundo! quantos seres deixava no desconsolo por causa da sua leviandade! Tambem, nem seu filho D. João II nem os monarchas de Castella foram felizes na sua descendencia. A intella foram commettida com D. Joanna clamava severa vingança!

Ao fim de quatro annos novos encontros e recepções se passaram na fronteira quando se desfizeram as *terçarias*.—A 24 de maio de 1483, no meio do jubilo dos povos arraiños foram restituídos os príncipes aos fidalgos que os vieram receber. Alguns que os acompanharam, como o duque de Bragança, quanto não se haviam de arrepende de lhes terem servido de comitiva!

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

A LUTUOSA

Dos ramos desfolhados do arvoredo, varejados da ventania, escorriam as ultimas gotas da chuva, que, durante toda a noite, caíra copiosamente. Os caminhos estavam cobertos de lama, e, de espaço a espaço, havia grandes pôças d'agua, que ainda não tinha repassado a terra. Do lado do nascente vinha repontando o crepusculo; e, sobre a cumiada escura das serras, viam-se bulções de nuvens pesadas e calliginosas a correrem no horizonte sopradas do vento sul. Os cães uivavam com medo ás portas dos curraes. Por entre o marulho do rio, que tinha engrossado toda a noite com os aguaceiros e invadido os campos marginaes, ouviam-se, trazidas de longe pelo vento forte, as tres badaladas das Ave Marias da torre da freguezia.

O dia amanheceu tristonho, nublado e frio. Pelo meio d'um atalho, com as saias arregaçadas na cintura, descalça, em cabello e açodada, corria uma rapariga de quinze annos.

As aguas vertentes, que ainda desciam estrepitosas d'uma encosta proxima, tinham empocado tudo; e, antes trinta passos de terminar o atalho, havia um grande charco, que

crescia de momento a momento, e tomava o caminho de lado a lado.

A rapariga estacou de repente surprehendida, monologando com voz chorosa:

—E Jesus! Valha-me Deus! Como ha de ser isto?!...

Levantou do chão um rebo grande, atirou-o com força, fechando os olhos, ao meio da agua; e, do meio do charco, a agua esparrinhou alto, como um repuxo, espalhando-se para os lados. O charco era profundo. A rapariga olhou d'um e d'outro lado, irresoluta e afflicta; mas de subito, como se lhe acudisse uma idéa redemptora, entalou as saias nos joelhos, lançou as mãos ao espigão do muro, trepou-lhe para cima, e foi continuando por ali fóra, caminhando a custo e com cuidado pelas pedras mais largas, com os braços abertos para se equilibrar, vacillante, pé aqui, pé ali, até ao fim.

Do outro lado da estrada ficava isolada, em meio d'uns campos, uma casa de um andar, com duas janellas de peitoril. Na parte da casa exposta ao vento, ainda escorria a chuva, enegrecendo a cal salitrada da parede; e do beiral do telhado, á frente, caíam grossas pingas d'agua, que empoçavam em baixo.

A rapariga indireitou com a porta, levantou o martello, que ficava superior á fechadura, e bateu tres pancadas successivas. Ao cabo de cinco minutos, abriu-se uma janella, e appareceu a cara de uma mulher ainda afogueada do calor da cama.

—Quem está ahí?—gritou ella com mau modo, debruçada no peitoril, com a mão erguida a segurar a vidraça.

—Faz favor, sr.^a Joanninha?—supplicou debaixo a rapariga.

—Aí? és tu Izabel? O que queres, menina?—perguntou-lhe a outra, apanhando para a bocca o lenço de lã, que trazia na cabeça.

—É o sr. tenente que se achou muito mal, sr.^a Joanninha—respondeu a Izabel.—Diga ao sr. doutor, que é o sr. tenente que está muito mal; e se elle nos faz a esmola de vir já a nossa casa; mas depressinha.

—Valha-nos Deus, filha!—exclamou compadecida a sr.^a Joanninha.—E, espreitando o horizonte de lado a lado, continuou:—Com um tempo d'estes!...

A Izabel esteve um instante á espera da resposta, encolhida de frio, a tremer, com os olhos fitos na janella, como um desgraçado que espera ansioso pela esmola.

Voltou a sr.^a Joanna, a dizer-lhe:

—Izabel, vae tu indo para casa, que o sr. doutor vae já vestir-se, e vae lá ter n'um instantinho; ouviste?

—Olhe, sr.^a Joanna—tornou a Izabel—diga-lhe que não metta pelo atalho, porque a agua por ali é muita.

—Sim? Pois deixa que eu digo-lhe isso. Adeus! Vae com Nossa Senhora.

E deixou correr a vidraça.

A rapariga voltou para casa, cortando pelo atalho, que era caminho mais a certo, a correr, a correr sempre, chapinhando nas pôças, que lhe salpicavam de lama as fraldas e os arte lhos.

Logo que a missa acabou, veio o José da Vineta para o adro, á espera do ferrador, que elle avistára do fundo da igreja, ajoelhado, junto da tã gradeada do altar-mór. Ao sair o ferrador, ainda a persignar-se com os dedos pingados d'agua benta, que havia na pia baptismal, ao lado da porta, o Vineta foi-lhe ao encontro, e disse-lhe:

—O sr. Joaquim Ferrador, dá-me aqui uma palavrinha?

O ferrador empallideceu; mas cobrando logo animo, respondeu com serenidade:

—Diga lá o que quer, homem.

Desviaram-se para um lado. O José Vineta, encostou-se ao tronco d'uma oliveira, fineou o espigão do varapau á frente, collocou na extremidade superior as mãos sobrepostas, e principiou assim, com um aceno inquiridor de cabeça:

—Então aquelle sugeito dá ou não dá signal de si, sr. Joaquim?

—Deixe lá, homem—respondeu o ferrador.

—Não se afflija; dê tempo ao tempo.

O Vineta atirou com dois dedos o chapéo para a nuca, e disse com ar de enfado, voltando a cara de lado:

—Adeus! adeus! De cantigas estou eu farto, meu amigo.—E, em seguida, voltado de frente para o ferrador, e ageitando o chapéo:—Vocemecê é quem me fallou, sr. Joaquim; e eu conhecia-o a vossê, não tive escrupulo: ora agora, aquillo diz que era por tres mezes, já lá vae mais do dobro, e eu... não vejo nada! Sim; eu não ando aqui a labutar, nem a levar vida de moiro, para engordar e manter fidalgos; percebe-me?

—Mas oiça, sr. José—dizia o ferrador batendo-lhe amigavelmente no hombro—ninguem lhe quer o suor do seu rosto. O sr. tenente, logo que possa...

O Vineta encolhia os hombros e assobiava para o lado. De repente, tornava:

—Adeus, minhas encomendas! Aj! que assim não fazemos nada, sr. Joaquim...—Punha de lado o varapau, e proseguia com modos convincentes:—Ora venha á razão. O tenente, sim, toda a freguezia o sabe, o tenente não tem eira, nem beira, nem ramo de figueira. É isso ou não é?

—Pois sim, concordava o ferrador aborrecido, repuchando para cima o cós das calças—pois sim, mas...

—Mas vá ouvindo, sr. Joaquim. Eu não hei de amanhar as terras com boas palavras e promessas. É assim, ou não é assim?—perguntava alto, com o sobr'olho carregado.

—Tem vossê muita razão—obtemperava o ferrador com maneira conciliadora—mas sr. José—e baixava a voz—bem sabe que o tenente não é pessoa capaz agora de lhe fiar com o seu dinheiro, nem que fosse p'ra ahí... Credo!

O Vineta cortava a explicação com modo desesperado:

—Não nos entendemos, sr. Joaquim. Que o homem é pessoa de bem, todos nós o sabemos; mas já meu pae o dizia, de pessoas de bem está o inferno cheio; percebe-me?

O ferrador metteu-lhe o braço, tirou-o para o fundo do adro, e olhando-o a fito, perguntou-lhe:

—O sr. José desconfia do tenente? Sim, ou não?

O Vineta estacou, fez pé atraz, e respondeu categoricamente com largos gestos.

—Confio tanto d'elle, como d'aquelle cão do moleiro, que ali vae. Em quem eu confiei, foi em vossê...

—Obrigado—agradeceu o ferrador, fechando modestamente os olhos.

—Porque, entenda sr. Joaquim, eu só confio o meu dinheiro de quem o tenha para m'o tornar ao depois; ora agora, o tenente, a respeito d'isto...—e fricciona a cabeça do indicador na cabeça do polegar—a respeito d'isto, nem cheta! E explicava arrastadamente, e em tom confidencial:—Segundo a bocca do mundo; que eu por mim—individualisava elle, apontando o indicador ao peito—como vossê me entregue o que eu lhe dei, tanto se me dá que o homem tenha muito de seu, como que não tenha um real; ouviu?

O Joaquim ferrador tirou-lhe pela lapella da jaqueta, e lembrou-lhe baixo:

—Porque não vae vossê ter com elle?

—Eu!

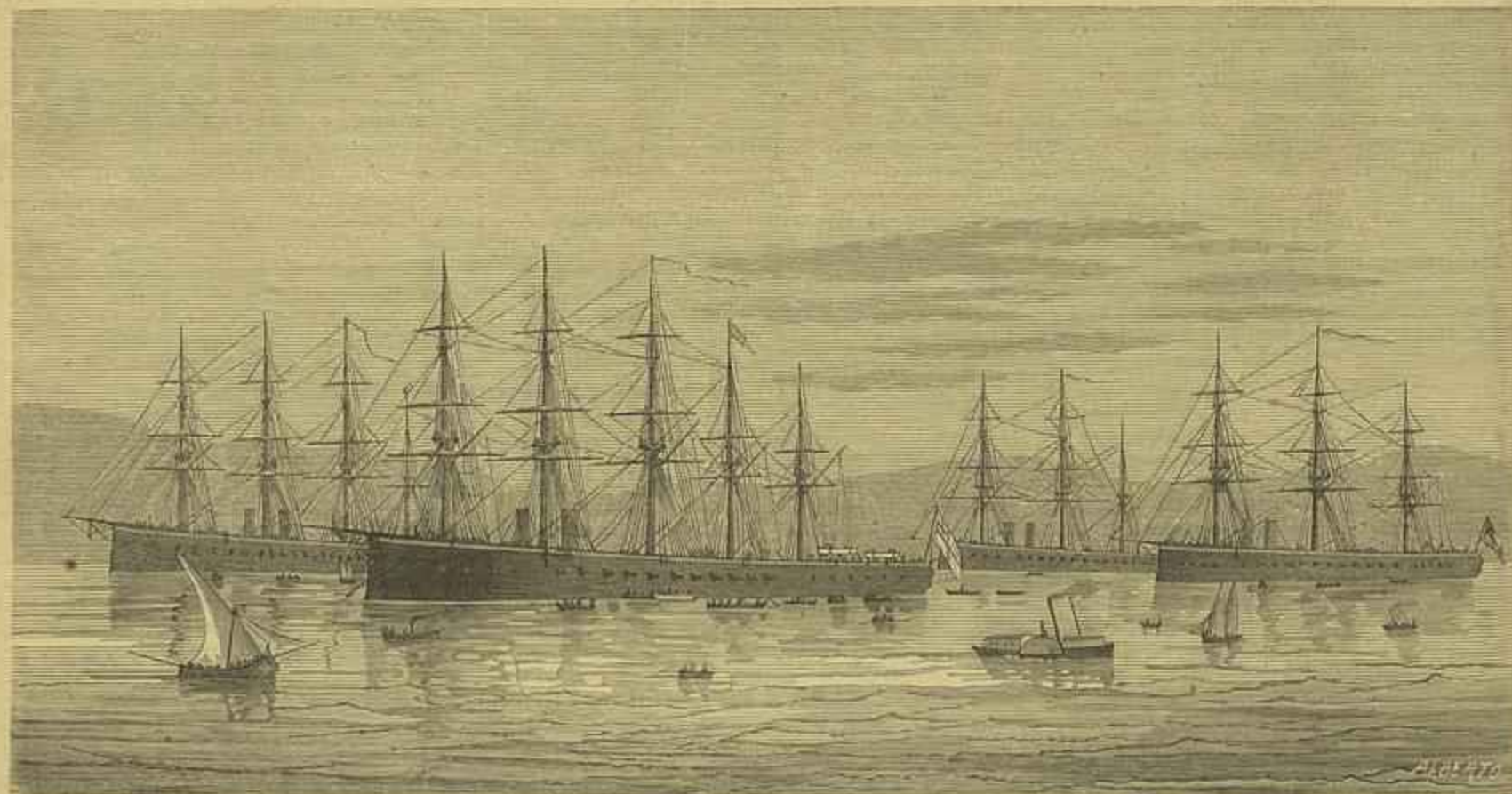
—Sim; a modo de quem não quer. Diga-lhe, uma comparação, que eu que não quero saber mais d'esse negocio; que já estou farto de lhe fallar a elle; que...

O Vineta, que ouvia attento o ferrador, fitando-o de frente, com os olhos esbugalhados e a bocca escancarada, assim que chegou aqui, interrompeu-o com voz tremula e convulsa:

—Então a coisa já assim vae!? Sim?

E d'um modo resolutivo:—Então...

E, dando uma volta rapida nos calcanhares, deitou á pressa por ali fóra, desesperado, quasi apoplectico, com o braço direito estendi-



Northumbria

Minotaur

Agincourt

Achilles

A ESQUADRA INGLEZA SURTA NO TEJO (Desenho do natural pelo sr. J. Dantas)

do, agitando a mão aberta com um signal ameaçador de quem diz: *então espera...*

Por mais que o ferrador o chamasse, arrependido do que fizera, o Viriato não o attendia, e continuava sempre, pressuroso, a esboçar, em direcção ao pinhal, para onde ficava a morada do tenente.

O Joaquim ferrador ficou só no adro; e, logo que o Viriato desapareceu por detraz das giestas de um vallado, principiou a seismar, com as mãos mettidas nas algibeiras da jaqueta, os olhos fitos no chão, meneando pausadamente a cabeça:

— Ora que diabo fui eu fazer! — exclamava elle. Pobre tenente!

ALBERTO BRAGA.

(Continúa)

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

Commutador automatico do sr. Rodrigues Ribeiro

Este novo apparelho, imaginado pelo sr. João Rodrigues Ribeiro, professor do lyceu de Santarem, e notavel artista amator, está representado na fig. 1, como foi construido pelo proprio inventor, afim de ser applicado a um candieiro empregado na illuminação electrica.

No primeiro volume d'esta Revista, a pag. 167, descreveu-se já a vela electrica Jablochhoff, que tão engenhosamente veio resolver um dos mais importantes problemas da illuminação electrica. Como porém uma vela não dura geralmente mais de hora e meia, empregam-se em cada candieiro, pelo menos, quatro velas; e a corrente electrica, que ora se dirige para uma, deve encaminhar-se para outra quando a primeira está quasi extincta. Consegue-se isto, nos candieiros ordinarios, com um commutador de alavanca, movido por um homem. Este commutador, além dos botões de ligação dos dois polos da corrente, precisa ter tantos outros quantos são as velas do candieiro. As velas assentam sobre uma base circular isoladora, de modo que um carvão de cada uma fica voltado para o centro, e o outro para a periphèria. Os carvões interiores communicam simultaneamente com o botão positivo do commutador; os exteriores estão isolados, e cada qual communica com um botão especial do mesmo commutador.

O commutador automatico tem por fim dispensar a vigilancia e trabalho de um homem encarregado do movimento das alavancas dos commutadores ordinarios. A

disposição imaginada pelo sr. Ribeiro é a mais simples possivel, e absolutamente nova. As velas, em numero de seis no modelo representado na fig. 1, tem disposição analoga á que já mencionámos; porém os carvões exteriores communicam simultaneamente com o botão *p*,

Figura 1

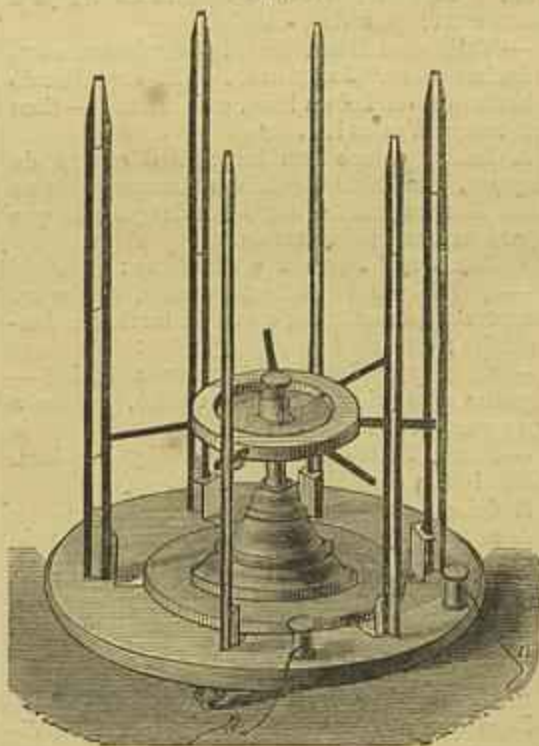


fig. 2, que pôde ser o positivo da corrente, em quanto que os interiores estão isolados. Fecha-se porém a corrente com o botão *n*, onde se liga o fio negativo da corrente, por intermedio da roda de cavilhas *R*, dirigida por uma mola em espiral.

Nesta roda está a grande novidade e engenho do apparelho. Uma das cavilhas *a* é obrigada a encostrar no carvão interior da primeira vela, fechando pois com elle o circuito; porém quando esta vela se tem consumido o sufficiente para deixar de servir de apoio á roda, esta roda cede á força da mola, e uma segunda cavilha *b* encostra á segunda vela, avançando todas as outras cavilhas para as velas mais proximas de uma quantidade egual á distancia que havia entre a cavilha *b* e a vela agora em combustão. Suppondo as velas equidistantes, é preciso pois que a distancia das cavilhas da roda *R* decresça successivamente.

Como se vê é impossivel imaginar uma disposição mais simples: em lugar do grandissimo numero de fios neces-

Figura 2



sarios em cada candieiro Jablochhoff, por maior que seja o numero de velas, o commutador automatico do sr. Ribeiro recebe apenas dois fios, que são os do circuito ordinario da machina inductora.

A. A. DE PINA VIDAL.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Olho vê, mão pilla.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6 Rua do Theoureiro Velho, 6